

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Impressão e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras - Não se devolvem os originais - Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2327

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA



Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinaturas Incluiendo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9350; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00.
PAGAMENTO ADIANTADO

SÁBADO, 3 DE JULHO DE 1925

PROBLEMA INSOLUVEL

A vida continua a subir de preço enquanto o governo Gomes da Costa mantém a patranha do seu barateamento

Os organizadores de todos os movimentos revolucionários para conseguirem o triunfo dos seus designios habituaram-se a agitar a tecla da carestia da vida.

A população oprimida pelo viver actual aceita de bom grado a mudança de dirigentes, lançando-se, por esse motivo na, obra da revolução, que é para ela a obra da sua melhoria económica.

Vem, porém, o reverso da medalha e a população reconhece o ludibriu em que caiu: a vida em lugar de decrescer no seu custo aumenta de dia para dia.

Foi assim e será assim enquanto os promotores das revoluções accionarem dentro de um prisma com o qual não se compadece a situação económica dos que trabalham.

Assim sucedeu com a situação de Sidónio Pais, assim sucedeu com as posteriores situações.

Sidónio Pais prometeu à população que a vida embarateceria se triunfasse a sua revolução.

E o povo, crente de que o assassinado da estação do Rossio cumpriria com a sua promessa, entregou-se denodadamente à obra de Sidónio Pais, que esse mesmo povo considerava a sua grande obra.

Sidónio Pais triunfou e o povo verificou que o professor de matemática não pode cumprir a sua promessa. A solução do problema resta da vida não se encontra na mudança de dirigentes. As suas causas são de natureza sociológica e enquanto elas persistirem, persistirão os seus efeitos.

Com a revolução Gomes da Costa — que passe o designativo — sucedeu outro tanto.

O chefe do C. E. P. quando em Braga comandava a 8.ª divisão e em Lisboa se acreditava na sua derrota, fez anunciar que uma das cláusulas do seu programa era o barateamento da vida, porque o povo não podia nem devia pagar mais...

Veiu o triunfo dessa revolução e o custo da vida longe de se manter estacionário começou a elevar-se.

Se o operário quiser adquirir por menor preço qualquer género tem que calçar a cidade e perguntar de estabelecimento em estabelecimento o seu preço.

A pesar do tabelamento do preço dos géneros, esses preços variam de casa para casa. Nuns estabelecimentos as batatas custam a 50 centavos o quilo, noutras a 60 e 70 centavos. As cebolas só se adquirem numas casa a 2500 o quilo e noutras a 250. O azeite, que em algumas casas não difere de óleo lubrificador, custa a 5\$50 o litro e noutras a 6\$00.

Com os outros géneros sucede o mesmo. A ascenção do seu preço é progressiva e continua sendo difícil estabelecer um equilíbrio para fazer face ao custo da vida.

Todavia as medidas governamentais não se fazem sentir. O governo tem mais em que pensar. O custo da vida é uma ninharia em relação aos problemas que de momento têm que resolver para consolidação da sua situação política.

E por assim pensarem os mercieiros e todos os exploradores da miséria humana gosam desta situação como seus principais triunfadores.

Os jornais afetos à situação falhos de lógica e de inteligência largam mãos de todos os recursos.

Ainda ontam as seráficas *Novidades* diziam que em Itália, para meter na ordem o proprietário do restaurante de uma gare, que vendia mais caro uma refeição, a autoridade mandou encerrar aquele estabelecimento.

Não nos parece que a medida de um ditador seja a mais convincente para o problema. O problema da carestia da vida não se resolve com golpes de força; resolve-se com medidas de inteligência e medidas que se harmonizem com as necessidades da população.

Do que aproveita o povo com o encerramento de um estabelecimento se os outros continuam vendendo os géneros por preços inacessíveis à bolsa do consumidor?

As revoluções servirão, a despeito do grande desejo dos seus organizadores, para encorajar os mercieiros na sua obra de extermínio, naquela obra que é causa da tragédia vivida pela população.

ASSINEM

Os Mistérios do Povo

NOTAS & COMENTARIOS

Renovação

Com o fecho do primeiro ano da sua publicação, suspendeu a Renovação, revista de horizontes sociais editada pela nossa secção editorial. A necessidade de tornar mais desenvolvida e interessante esta revista, dando-lhe carácter mais moderno e, porventura, mais cultural e artístico, forçou-nos a pensar numa larga remodelação de todos os serviços gráficos e redactoriais. Essa remodelação, conforme se verificou logo que tentou efectuar, era embarrada pela própria e regular publicação da revista. A melhor solução, ante os nossos desejos, foi a suspensão temporária, procurando-se, embora, que essa suspensão fosse tão curta quanto o permitissem os trabalhos de remodelação. Do facto damos conhecimento aos leitores e assinantes da revista, que, aliás, nenhum prejuízo material sofreu, visto que a Renovação suspendeu seu deixar incompletas a coleção e a duração das assinaturas.

Perseguição ou vingança pessoal?

No passado dia 19, a polícia da esquadra do Rato passou uma rigorosa busca à residência do sr. José Joaquim da Costa Azevedo, 1º oficial da 10.ª Repartição de Contabilidade e conhecido revolucionário civil. Ninguém, incluindo os próprios agentes da busca, conhecia as razões de tão estranho caso, passado exactamente num momento em que se cantava a lôra do pacifismo da família portuguesa. Ontem o caso voltou a repetir-se. A casa do sr. Azevedo foi às 7 horas passada uma rigorosa busca, não ficando nada por vasculhar. Como a esta residência a polícia se dirige

uma pergunta nos sugere: não será o sr. Azevedo vítima do ódio pessoal de qualquer cavalheiro que está senhor da situação?

Sem rel...

Da Revolução Nacional saiu o seu diretor, que o oficial do exército sr. Armando Pinto Correia, que tem duas prisões e dois ferimentos, segundo ele confessou. As razões da sua saída ficarão ao cuidado dos historiadores — a pesar deles ter expandido abundantemente em duas colunas de prosa disciplinada e vulcânica.

A substituí-lo, com a designação de redactor principal, entrou o sr. Augusto Ferreira Gomes, «o que é — diz aquela jornal — uma garantia da nossa orientação republicana». Não há dúvida. O sr. Gomes é um republicano muito conhecido por sua família, a pesar de se ter batido pelo regime, na Rotunda — com torturas. Nesse tempo era a feira de Agosto...

"Socialista" vingativo

O sr. Martins Santareno, «socialista» muito conhecido pelas suas constantes calúnias à organização operária e pelas suas colorosas apologias de Afonso Costa e do 14 de Maio, concedeu à Revolução Nacional uma entrevista em que, a propósito das Bairros Sociais, ataca, com a maior violência, o sr. José Domingues dos Santos.

Repugna-nos sempre atacar ou ver atacar vencidos, ainda que adversários. E mais nos repugna o ataque do sr. Santareno porque as razões da sua atitude, indo como socialista recorrer àquele jornal, são demasiado pessoais. O sr. José Domingues dos Santos justa ou injustamente, não sabemos, encerrou os Bairros, privando o sr.

No passado dia 19, a polícia da esquadra do Rato passou uma rigorosa busca à residência do sr. José Joaquim da Costa Azevedo, 1º oficial da 10.ª Repartição de Contabilidade e conhecido revolucionário civil. Ninguém, incluindo os próprios agentes da busca, conhecia as razões de tão estranho caso, passado exactamente num momento em que se cantava a lôra do pacifismo da família portuguesa. Ontem o caso voltou a repetir-se. A casa do sr. Azevedo foi às 7 horas passada uma rigorosa busca, não ficando nada por vasculhar. Como a esta residência a polícia se dirige

DIÁRIO DA MANHÃ

A MORAL DELES

Importantes revelações feitas à "Batalha" sobre os escândalos do director do Depósito Central de Fardamentos

O Depósito Central de Fardamentos volta a estar em foco. As irregularidades do seu director, o tenente-coronel Alberto da Silveira Lemos justificam plenamente o que os jornais têm dito acerca dos escândalos ocorridos naquele estabelecimento do Estado.

Ainda há dias, numa carta a que demos guarida nas colunas de *A Batalha*, se demonstrava que o tenente-coronel Lemos é de todos os directores do D. C. de F., aquele que mais tem lesado os interesses daquele estabelecimento. Alguma dúvida das afirmações contidas na referida carta por serem feitas em frases bruscas, mas plenas de verdade.

Por esse motivo resolvemos ouvir alguém do pessoal do Depósito Central de Fardamentos, alguém que nos explicasse onde principiaram e onde terminam os escândalos do seu director. Por lhe estar vedado pelos regulamentos expor em público as suas opiniões, esse alguém é uma entidade anónima para o público, que aliás não tem um interesse especial em conhecer o seu nome. Isto posto vamos às declarações do nosso entrevistado:

A Batalha disse algures, numa carta assinada por um operário do Depósito Central de Fardamentos, que neste estabelecimento, em 1920, houve um desfalque de sola e cabedais na 3.ª Divisão de que foi chefe durante muitos anos o actual director. Esse desfalque não é recente. Procede de alguns anos e atingiu a brutal cifra de 15.000 quilos de sola, computada em 45 contos.

Qual a origem desse desfalque? — perguntamos.

— É sempre difícil conhecer-se, em todos os seus detalhes, a origem de um desfalque. Esses escândalos são sempre feitos ocultamente e por processos também desconhecidos. Todavia não é necessário possuir grandes faculdades discernitivas para concluir que o desfalque foi possível porque a sola e os cabedais, nos últimos tempos, entraram sempre sem verificação, tendo-se até dado o caso de alguma dessas sola já estar empregada em obra, quando o verificador assinava as guias.

Houve um sorriso do nosso colunista que valeu por uma declaração de que naquela casa não se exigem responsabilidades aos maiores do quilate do sr. Lemos. No entanto, o nosso entrevistado informa-nos:

— Quem pagou as faves foi um pobre amanuense que gemeu na Penitenciária de Lisboa por um delito de que é único responsável o major Lemos.

Outras importantes declarações nos fez o nosso interlocutor que a falta de espaço obriga a reservar para um outro artigo.

Santareno do seu "tacho". Daí a vingança santarena...

Dignos um do outro...

O «órgão nacional» ataca as dactilografias com uma energia que encontrará, certo, no sr. António Boto o mais carinhoso aplauso. São de resto os únicos que deve ter visto neste país já se ter reconhecido, mesmo por parte dos poderes do Estado, o direito que assiste às mulheres de auferir o seu sustento à custa do seu trabalho.

E pensar que são estes negroides de alma e de ideias, atraídos um sóculo na vida social, quem se arvorou em defensores oficiais na imprensa da actual super-enigmática situação política.

Tão bom é o órgão como a situação...

Um curso antíptico

Algumas corporações operárias, felizesmente em reduzido número, sempre que os cofres dos seus organismos sindicais estão exaustos recorrem a várias festas e o seu produto vai preencher uma lacuna existente que na maioria dos casos origina a paralisação do seu movimento externo e até interno.

Sempre que essas festas se harmonizem com os princípios morais porque se norteiam com franco acolhimento e rasgado aplauso. Quando, porém, assim se não proceder desta folha partira o grito de reprovação com a mesma autoridade com que se reprovam os maus actos dos nossos inimigos.

Está neste caso um grupo de «chauffeurs» que antecedeu promoveu, em Alges, uma tourada em favor do cofre da sua associação de classe. Por maior que possa ser a justificação do acto desses «chauffeurs» nunca da nossa parte poderia partir um aplauso a uma tourada. Cremos que o cofre da aludida associação esteja depauperado, mas isso não nos convence que só aquele género de espetáculo o possa reabilitar.

Ante este grupo de «chauffeurs», que antecedeu promoveu, em Alges, uma tourada em favor do cofre da sua associação de classe. Por maior que possa ser a justificação do acto desses «chauffeurs» nunca da nossa parte poderia partir um aplauso a uma tourada. Cremos que o cofre da aludida associação esteja depauperado, mas isso não nos convence que só aquele género de espetáculo o possa reabilitar.

Há dentro das nossas concepções artísticas muito por onde escolher, sem descermos à realização de um espetáculo bárbaro que belisca os nossos sentimentos humanos. Por todos esses motivos, o gesto do grupo de «chauffeurs» que promoveu a tourada em Alges essa selvagem exhibição que se chama tourada, só merece de nós e de todos aqueles que da vida têm uma exacta noção.

Foi prorrogado por um mês o estado de sítio

LONDRES, 2. — O sr. Baldwin declarou ontem que a melhor forma de resolver a crise mineira do carvão seria o reatamento de negociações entre as duas partes em litígio, e que a federação dos mineiros está à altura de aceitar o relatório da comissão oficial, que realmente pode satisfazer as duas partes. — (L.)

Uma condenação iniqua

LONDRES, 2. — Os cito mineiros de carvão que originaram o descarrilamento dum comboio-expreso durante a recente greve geral, foram condenados pelo tribunal de Newcastle a 4 e 8 anos de trabalhos forçados. — (L.)

Foi prorrogado por um mês o estado de sítio

LONDRES, 2. — A moção governamental prorrogando por um mês o estado de circunstâncias excepcionais, foi aprovada nos Comuns por 240 contra 82 votos. O sr. Churchill, ministro das Finanças, respondeu vigorosamente à emenda trabalhista, a qual lamentava a política seguida pelos conselheiros do rei, que «tem sido um impedimento à manutenção e restauração da paz na indústria mineira».

O ministro disse que a emenda deveria ser considerada como um voto de censura, mas justificada se merecia.

O sr. Churchill recordou a greve de 1924, na qual Lloyd George empregou todo o seu prestígio, toda a sua arte e experiência para conseguir a terminação do conflito, decorrendo 13 semanas até ser concedido o subsídio de 10 milhões que solucionou a greve.

Ninguém deseja mais a regulamentação do conflito que o primeiro ministro e todo o governo, mas os leaders mineiros não alteraram a sua posição, vendendo-se o governo na necessidade de tomar medidas que deem certa elasticidade às negociações, adoptando o dia de oito horas de trabalho e a publicação da escala de salários estabelecida entre as duas partes. — (L.)

Protestamos!

A «Revolução Nacional» é um jornal que defende a actual situação, é mesmo o órgão oficial. Desempenha por isso na imprensa um papel bastante antipático, pois até hoje ainda não publicou uma linha contra a censura, antes a defende e aplaude com calor e vibração.

Pois a «Revolução Nacional» foi ontem apreendida — tornando-se assim vítima da intrusão dos russos, os resultados da conferência franco-soviética tem sido, até agora, quase nulos. — (H.)

Uma questão nos sugere: não será o sr. Azevedo vítima do ódio pessoal de qualquer cavalheiro que está senhor da situação?

Sem rel...

Daí a vingança santarena...

Uma condenação iniqua

LONDRES, 2. — O «Matin» diz que, em virtude da intrusão dos russos, os resultados da conferência franco-soviética tem sido, até agora, quase nulos. — (H.)

Uma questão nos sugere: não será o sr. Azevedo vítima do ódio pessoal de qualquer cavalheiro que está senhor da situação?

Sem rel...

Uma condenação iniqua

LONDRES, 2. — O «Matin» diz que, em virtude da intrusão dos russos, os resultados da conferência franco-soviética tem sido, até agora, quase nulos. — (H.)

Uma questão nos sugere: não será o sr. Azevedo vítima do ódio pessoal de qualquer cavalheiro que está senhor da situação?

Sem rel...

Uma questão nos sugere: não será o sr. Azevedo vítima do ódio pessoal de qualquer cavalheiro que está senhor da situação?

Sem rel...</p

LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki	
Como se forja um Mundo Nuevo.	6\$00
Cuentos de Itájia.	6\$00
La vida de um Homem innecesário.	6\$00
Vladimiro Korolenko	
O Imperio de La Muerte.	6\$00
D. G. Feydoux	
La vida tragică de los Trabajadores.	10\$00
Jean Masesan	
La Educación Sexual.	10\$00
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad.	9\$00
E. Reclus	
La Montaña.	6\$00
El Arroyo.	6\$00
Octavio Mirbeau	
El Calvario.	6\$00
P. Krapotkin	
La etica, La revolucion y el Estado.	6\$00
Luis Fabri	
Critica revolucionaria.	6\$00
H. Malatesta	
Ideario.	6\$00
F. Dostoyevsky	
Los Hermanos Karamazov.	9\$00

LA NOVELA SOCIAL

Interessante colecção de 10 novelas colaboradas por um bom número de escritores revolucionários — Preço 10\$00

Pedidos à administração de A BATALHA



Do estatuto confederal

CAPÍTULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:
1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição social e material e física.
2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salário, e do patronato, e posses de todos os meios de produção;
3.º — Estabelecer as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a luta unitária, numa comum inteligência, que consoa os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.



Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

IDEARIO.

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:
Doutrina — Crítica Social — Educação — Teoria — Técnicas — Busto — Liberdade e Revolução — Violência — Liberdade e Autoridade — Ensaios — Filosófico — Histórico — Ideias — Iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espiritual — Homens Representativos — Trabalhos Polémicos — Leituras — Fragmento Inédito.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50
Pedidos à Administração de A BATALHA.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.
A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.
Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiares de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à Administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arckinof. Preço 1\$50.

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma colecção do semanário anarquista «Terra Livre» para ser vendida em favor de A Batalha. Aquela camarada fixou o preço de 15\$00.

Algum camarada que deseje adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.

** * *

Ora o descarado...

BERNE, 2.—As autoridades ordenaram a expulsão do deputado comunista italiano Pincelli que se propunha realizar uma conferência contra o regime fascista. —

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à Administração de A Batalha.

ASSINEM OS mistérios do Povo

Prevenção do Sindicato da Construção Civil

Tendo chegado ao conhecimento deste Sindicato que um grupo de camaradas servidores, que estão trabalhando por conta industrial nas obras do novo Manicômio de Lisboa, pretendem trabalhar além do horário estabelecido e nesse sentido vão pedir para trabalhar das 8 da manhã às 21 horas, o Sindicato da Construção Civil lembra aos ditos camaradas o dever de desistirem de tal intento a-him de não dar lugar a factos para todos desagradáveis.

Não é humano que, havendo uma grande crise de trabalho na indústria metalúrgica, esses camaradas se esqueçam deste facto, e só cuidem de ganhar mais alguns trosões. Materializem o luminoso plano do polícia que nasceu em Braga, cidade de tradições salvadoras. Estava o chauffeur Salvador José em sua casa, travessa Larga, 19, 1.º, digerindo uns carapaus do seu jantar. E o seu automóvel, que tem o número 9362, não pudessem subir ao primeiro andar, deixou-o à porta, encostado à vela.

Apareceu o polícia de Braga e bateu forte. O chauffeur acorreu e logo se viu no contingente de uma multa. Ainda solicitou que o deixasse jantar, em vez de lhe impor um desafaire ao seu tesouro modestíssimo.

Mas o guarda 1325 regougu:

— Quem manda sou eu! De Braga vim para que você me obedeça! Levasse o carro a jantar consigo...

E' que o polícia 1325 não esquecia o seu plano de salvação pública e queria evitar com a multa um sério desastre. O Salvador o chauffeur — é que se sentiu perdido. E lá foi à esquadra de Santa Marta, onde se fia, pagar os 24 escudos da multa.

Uma conta calada, porque não houve margem, sequer, para uma letra protestada, visto que o cabo de serviço fez a censura mais rigorosa às reclamações do chauffeur, tendo reincidente com a execução num exerto da «Dança do amor bruto», de Manuel Falla, que tocou em «bis».

Sem apoiar o mérito do pianista, que o tem, não podemos deixar de confessar a nossa estranhos por vermos a facilidade que têm, executantes que principiam, em escolher, para interpretar, músicas de tal qualidade que até nelas sossobram reputações já feitas.

O violoncelista Manuel dos Santos, afiado, correcto e muito modesto, tocou com perfeição e sentimento «Aprés un rêve», de Gabriel Fauré; «Elegie», do mesmo autor e «Cantos russos», de Lalo.

O cantor Alberto Guerreiro, boa voz de baixo, sem «felicies», disse e cantou «Os dois granadeiros», de Schumann; «Le secret», de Faure, e «La mort», de Gretchen.

A festa abre com algumas palavras sobre a poesia lírica de João de Deus, proferidas pelo dr. sr. João de Deus Ramos, que com enternecido sentimento, saberá como ninguém falar da obra de seu pai. Acerdem gentilmente a colaborar nesta festa as Ex. ms. Sr. D. Cecília Borba, D. Helena de Sousa Costa, D. Maria Amélia Duarte de Almeida, D. Maria Luisa Malheiro Dias, D. Laura Chaves e D. Maria Amélia Melo, distinta discípula do conhecido maestro Artur Trindade.

Os poucos bilhetes que restam podem ser pedidos para a sede da Associação dos Jardins-Escolas, pelo telefone Norto 55, na Casa Lamberini, Praça dos Restaurantes, 62-68, assim como as marcações de Jugaras.

As famílias dos deportados

Pede-nos a mãe do operário Daniel Severino, deportado social em Cabo Verde, para convidarmos as famílias de todos os que, como o seu filho, se encontram deportados, a reunirem-se na próxima segunda-feira, no Terreiro do Paço, às 9 horas em ponto, a fim de realizarem uma «Marcha» importante de que depende a situação dos seus entes queridos.

Como os partidos das direitas se opõem igualmente a qualquer compromisso, o respectivo projeto não conseguirá obter os dois terços de maioria necessários para a sua aprovação.

O governo já comunicou ao Reichstag que deve pesar as graves consequências da sua atitude, o que é interpretado como uma ameaça de demissão ou de dissolução. — L.

Morte misteriosa

NEW-YORK, 2.—O brigadeiro-general britânico Turner foi encontrado morto com uma balé na cabeça, na associação dos «boy-scouts» de Kenton. As autoridades estão investigando, a fim de apurar se se tratou dum crime ou dum suicídio. — L.

Em vésperas duma grande tempestade

BERLIM, 2.—A Alemanha acha-se em vésperas duma nova crise política, em consequência da deliberação ontem tomada pelo partido socialista de se opor ao compromisso sobre as propriedades dos ex-reinantes.

Como os partidos das direitas se opõem igualmente a qualquer compromisso, o respectivo projeto não conseguirá obter os dois terços de maioria necessários para a sua aprovação.

O governo já comunicou ao Reichstag que deve pesar as graves consequências da sua atitude, o que é interpretado como uma ameaça de demissão ou de dissolução. — L.

Junta de freguesia da Madalena

Amanhã, às 11 horas, a Junta de Freguesia da Madalena distribue na rua da Madalena, 191, 2.º, um bolo aos pobres de 10\$00 a cada e vestirá 45 crianças de ambos os sexos, comemorando a inauguração da sua nova sede.

Em nome dos contemplados com as duas senhas para o bolo que nos foram enviadas os nossos agradecimentos.

Livros em espanhol

A venda na administração de A BATALHA

Mi Comunismo, Sebastião Faure

La Revolución Social em França, Miguel Bakunine (2 volumes)

Cartas a uma mulher sobre la anarquia, Luiz Fabri.

La Ucrânia revolucionária, Agustín Souchy.

Anarquismo e organização, Rodolfo Rocker.

Entre campesinos, E. Malatesta

En Ucrânia, Rudenko.

Miguel Bakunine, J. Guillaume

Los anarquistas (Estudo e replyca) Lombrino e Melia.

Erico Malatesta, Max Nettler.

Entre artistas e rebeldes, R. Rocker

Nicolai, Romain Rolland.

Soviet e Diktadura? Varin...

El Estado moderno, Kropotkin

Diktadura y Revolución, Luiz Fabri.

Bolshevismo y Anarquismo, Rodolfo Rocker.

Problemas universitários, Lelio O. Leno.

La Revolución, José Torralvo...

Dios y el Estado, M. Bakunine...

Paginas seletas, Multatuli...

Ensaios y Conferencias, Pedro Gori...

Dos años en Russia, E. Goldman

Quinet, Falaz...

La pena de muerte, G. Alomar

El Teatro del Pueblo, V. de Pedro...

El Teatro del Pueblo, por Valentin Pedro...

Acción Directa, por Angel Pestaña...

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

A BATALHA

Do Comitê Pró-Presos por Questões Sociais ao proletariado em geral

Mais uma vez este Comitê dirige o seu apelo aos trabalhadores de todo o país, para que hoje, sábado, não se esqueçam dos seus camaradas que se encontram injustamente presos, vivendo em misera situação económica e com a agravante de verem os seus desinharem-se pouco a pouco, por não terem quem adquira o seu sustento.

E' um dever de todos prestarem solidariedade monetária aos presos sociais, vítimas de todos os governos e do capital.

Se este apelo não for ouvido este Comitê ver-se há na contingência de reduzir ou suspender os subsídios que até hoje tem distribuído, mas para que tal se não verifique, deverão todos os que sentem as injustiças sociais abrir quetes nas fábricas, campos e oficinas.

Trabalhador, não regatéis a solidariedade aos presos sociais!

Todas as imporfâncias deverão ser entregues na sede deste Comitê, todos os dias, das 20 às 23 horas.

O Comitê Pró-Presos por Questões Sociais

UM COBARDE!

Figueiredo Lima, o crapuloso cúmplice de Azevedo Coutinho, fugiu à sucata de Lourenço Marques

O panfleto esquerdistas A Choldra, num grande número, publicava uma epístola cheia de falsidades do grande bandoleiro que dá pelo nome de Figueiredo Lima, mas que já em Lisboa, desacreditado tal chamanhão, ora se apresentava com o nome de Adelino Figueiredo ora Adelino Lima, como ainda pode ver-se numa taboleta ao fundo da Avenida da Liberdade (lado esquerdo).

Pulverizámos já as insinuadas e falsissimas invenções desta crápula, mas por que A Choldra lhe deu guarda, e é mister não deixar de pôr causa alguma que vomitou este traidor sem a mínima vergonha, voltando novamente à estacada, para demonstrar, com uma só afirmação, a lama de que aquele canhão era feito:

Adelino Figueiredo Lima, chamado a Lisboa para não mais voltar o seu patrício Vitor Hugo de Azevedo Coutinho — temendo a colera popular em Moçambique atenta a infâmia do seu procedimento, visto que já não podia dispor de polícia e de si-cários para lhe guardarem as costas — esgueirou-se para a cidade do Cabo e daqui diz-se, fugiu para o Brasil.

Isto provou incontrovertivelmente o asqueroso papel desempenhado pelo escriba vilíssimo que à "Choldra" se dirigiu, pretendendo justificar a sua infernal e porquissima ação, com falsidades que inventou, com a destilação de veneno e pôz sobre homens honrados e dum só pé.

De contrário, expõe-se:

— Se A. Figueiredo Lima, o refinadíssimo tratante, estava a bem servir a província de Moçambique e a interessar-se pela colonização de alguns ferroviários sem trabalho, para que fugiu logo que o seu dono, Azevedo Coutinho, recebeu mandado de despedir?

— Se o safardana vivia dos rendimentos honestos que lhe dava a gazeta imunda que dirigia, porque deu-as de Vila Diogo, logo que o "Nero de Moçambique" ficou impossibilitado de o subvencionar?

A verdade, a única verdade, é esta: A. Figueiredo Lima tinha-se vendido, em 1918, aos alemães, no Niassa; tinha-se alugado, em 1924, às companhias da Zambézia, por causa, parecia com 20 contos; finalmente, vendeu-se, como um rafeiro, ao bônico Azevedo Coutinho, em 1925-1926, e foi à sua ordem e à ordem do chacal Bartolomeu Sérvio e dos guedelhas da Secretaria de Finanças, que despejou, durante meses e com o maior impulso, os mais sujos baldes de veneno sobre o operariado de Lourenço Marques, sobre todos os grandes e honrados trabalhadores manuais ou mentais que moravam em Moçambique.

Primeiro, Vitor Hugo cedera-lhe matérias tipográficas da Imprensa Nacional. A seguir deixou-lhe meter, até aos ombros, no "Saco sem fundo do prémio das transferências", aquelas garras de ave de rapina. Depois pôs-lhe automóvel à ordem para ostentação da sua vaidez apodrecida. Por último, ordenara à polícia que o guardasse bem, não fôsse alguma dia o meliante ficasse com as fôrmas e sem a língua víperina.

E' assim que o escroco conseguiu atrair, durante alguns meses, as ruas de Lourenço Marques, de braço dado com ladrões, assassinos, bigamas, meretrizes; e foi assim que ele conseguiu embendar-se noites seguidas nos bares servidos por mulheres de má nota, e gastar em tais casas, por noite, 4 e 5 libras.

O infame trazia os bolsos cheios de dinheiro, enquantos os ferroviários, perseguidos, acossados, mortos de fome, longe das mulheres e dos filhos, eram arrastados, por sua denúncia e por denúncia da quadrilha de que faziam parte os Coutos, os Belchior, os Manivelas, os assassinos por meio de injeções, os Cabanelas, os Pererias, os Dantias, às mais lóbregas prisões, ao destino, à morte.

Mas o régulador de Vitor Hugo acabou. Chamado à Metrópole para não mais voltar, de pouca duração poderia ser a limpa vindinha do sujo Figueiredo Lima.

Ele tinha escapado quando, no Niassa, em pleno período guerreiro, sustentava enten-dimentos com os alemães; ele tinha escapado quando fugira de Cabo Verde depois de engordar à custa da fome que ali campeou; ele tinha escapado quando foi acusado de ter deitado o logo a uma barraca de Lourenço Marques, para receber o prémio do seguro; agora, porém, que a sua ação tinha sido mil vezes mais infame, agora que tinha agravado centenas de homens honrados e conseguira arrastar à prisão e à mis-

Atropelamentos

A Sala de Observações do Hospital de São José recolheu Delfina Teixeira Sousa, de 10 anos, residente na rua S. Bento, 464, loja, a qual foi atropelada, na mesma rua, por um automóvel, ficando com uma perna fracturada.

No Banco do Hospital de São José, foi pensado e recolheu a casa, Carlos Dias, de 53 anos, natural de Lisboa, serralheiro, travessa de Domingos Tendeiro, 72, e que foi atropelado por um automóvel na rua do Carmo, ficando ferido na cabeça.

Aos nossos assinantes

Prevenimos os nossos estimáveis assinantes que estamos procedendo à cobrança dos seus recibos referente ao mês de Julho, visto o seu pagamento dever ser feito adiantadamente.

Agradece o bom acolhimento
A ADMINISTRAÇÃO.

O EMBUSTE CATÓLICO

A senhora da Boa-Fé é uma obra nojenta dos vendilhões da Má-Fé

Segundo noticiam os jornais de grande circulação na pacata e laboriosa vila de Estremoz, acabou de se dar um acontecimento que, pondo em alvoroço toda a sua população, pôe-me a mim em manifesto contentamento, pois que, residindo largos anos naquela vila, muito desejaria o seu engrandecimento e tanto mais que se trata de um acontecimento que deve alegrar e até orgulhar todos os portugueses, pois que é nem mais nem menos do que o aparecimento dum nova santa, o que não deve ser coisa banal nos tempos em que vêm correndo.

O aparecimento dum nova santa numa vila como Estremoz, em que o sentimento libertário várias vezes tem dado margem a que a história a assimile, noutros tempos que não nos passam, seria quase que um fenômeno, e, falar com factos, e não já apenas com palavras. Então ressuscita, torvo e decidido, das profundidades da História, o espírito clássico da tirania. Obtido o mando pela Fôrça, só a Fôrça tem eficácia bastante para o conservar. E o adversário deixa de ser sómiente imbecil ou ladrão, e passa a cuamar-se traidor, inimigo não de um partido, mas da pátria, e a pagar com o seu corpo, depois de sabiamente denunciado a multidões hipnotizadas e aos tribunais coactos, o delito imperdoável de discordar. Então o governo chama-se o Terror, e com toda a razão, porque é o Terror, fatalmente, quem governa os governados e os próprios governantes.

Assim como Dionisio de Siracusa não

acreditar na lealdade e na amizade, assim o Terror governa pela desconfiança e pela espionagem sistemáticas; na expectativa permanente e angustiosa da futura desforra do adversário, ergo esmagado.

Toda a política é má, medonha, porém,

entre tódas, é a que se inspira no medo.

Por ela se regressa, da mais alta civilização, à ferociade primitiva. Por ela se demonta, em qualquer altura da História,

que o verdadeiramente distingue o homem da besta é a fér serena e a confiança

recíproca.

RECORTE...

A ocasião faz o espião

A política foi sempre, em toda a parte e sobretudo, a arte de desqualificar o adversário.

Em tempo normal, quando a sua função consiste mansamente em dirigir a coisa pública com inteligência, e em administrar a riquesa nacional sem desonestidade, os políticos denunciam-se uns aos outros perante o soberano — povo ou rei — como imbecis completos, ou refinados ladrões. É uma suave luta de palavras, sem consequências trágicas: os imbecis não deixam nunca de respeitar, fora do parlamento e da imprensa, os outros imbecis; nem aos ladrões de um partido acontece jâmais meterem na cadeia os ladrões do partido contrário. E de aqui concluem depressa o povo e o rei que "tão bons são uns como os outros..."

Mas se os tempos andam agitados e turvos; se, por exemplo, o poder está sendo exercido, não como seqüência regular de tradição, mas como prémio grande da conquista violenta — então o caso é mais sério: a liberdade e a vida do adversário correm perigo; o governo de facto luta, ataca e defende-se com factos, e não já apenas com palavras. Então ressuscita, torvo e decidido,

das profundidades da História, o espírito clássico da tirania.

Obtido o mando pela Fôrça, só a Fôrça tem eficácia bastante para o conservar. E o adversário deixa de ser sómiente imbecil ou ladrão, e passa a cuamar-se traidor, inimigo não de um partido, mas da pátria, e a pagar com o seu corpo, depois de sabiamente denunciado a multidões hipnotizadas e aos tribunais coactos, o delito imperdoável de discordar.

Então o governo chama-se o Terror, e com toda a razão, porque é o Terror, fatalmente, quem governa os governados e os próprios governantes.

Assim como Dionisio de Siracusa não

acreditar na lealdade e na amizade, assim o Terror governa pela desconfiança e pela espionagem sistemáticas; na expectativa permanente e angustiosa da futura desforra do adversário, ergo esmagado.

Toda a política é má, medonha, porém,

entre tódas, é a que se inspira no medo.

Por ela se regressa, da mais alta civilização,

à ferociade primitiva. Por ela se demonta,

em qualquer altura da História,

que o verdadeiramente distingue o homem da besta é a fér serena e a confiança

recíproca.

* * *

Balzac, no preâmbulo do *Elixir de longa vida*, compara o espião ao assassino e preferir o assassino: "O homem que mata, diz ele, pode ter cedido a uma impulsão de momento, pode arrependê-lo, encobri-lo. O espião, êsse, é espião constante. Na cama ou à mesa, parado ou a andar, de dia e de noite, o espião espiá. A sua viléza é de cada hora e de cada minuto..."

Este problema eterno foi posto agora na ordem do dia, em Portugal, pela entrada em cena de uma criatura que a polícia política adoptou para penetrar no seio das conjuras dirigidas contra o regime vigente e que, tendo não só espionado os conspiradores, mas induzindo alguns, ou muitos, a conspirar, os entregou depois aos defensores oficiais da ordem e acabou, ao que parece, por atraí-los estes também, fugindo

para a Figueira da Foz, e, finalmente, quando não havia mais ninguém que o pudesse proteger, para o porto de Vila Franca de Xira, aínda que a sua intuito é apenas mostrarmos à população da Figueira da Foz quem é o homem que não hesita, quando Ivo Paour o chama para atraí-los os seus companheiros de trabalho.

Não achou Ivo Paour suficiente o que tinha feito, andando de porta em porta mencionando casamentos.

Agora, desceu a mais. Sem conhecer o papel de patrão dás-nos o direito de o tratar com dialektica contundente que fomos buscar à margem dos seus actos degradantes, e pouco próprios de quem se presa.

Chamou ao seu escritório o seu operário José Bernardino e, então, diante do restante submissos, submeteu-o a um interrogatório iniçial, pretendendo obriga-lo a que dissesse, diante de todos os seus companheiros de trabalho, que se lhe tinha oferecido para trabalhar, atraí-los os colegas.

José Bernardino, que não era do estôfo de António Pedroso, ripostou como concilia

mento, pretendendo obriga-lo a que dissesse, diante de todos os seus companheiros de trabalho, que se lhe tinha oferecido para trabalhar, atraí-los os colegas.

José Bernardino, que crime algum cometeu

vê-se privado de ganhar o pão de cada dia,

simplesmente porque não se submeteu aos caprichos de Ivo Paour.

Ivo Paour tem agora um ajudante para a sua vergonhosa obra, um "factotum" que dá pelo nome de Mário Barreto.

Aos camaradas de Figueira urge impre-

ssível-se pedir a redmissão de José Bernardino

não consentindo portanto que Ivo Paour,

para dar largas ao seu espírito de "révanche",

roube descaradamente o pão a um chefe de família. — C

Distribuiu mais 3 donativos de 12500, do legado D. Ana Faria, e 38 de 5500, do legado Pereira Crespo.

Como donativos escolares, a Junta entre-

gou 100\$00 a cada uma das seguintes esco-

las: Grêmio Instrucional Liberal de Campo de Ourique, Escola-Jardim João de Deus,

Academia Verdi, Sociedade Amigos da In-

fância, Grupo "Os Combatentes", e Dis-

pensário para Crianças Pobres da Fregue-

sia de Santa Isabel.

Também foram distribuídos 300\$00 à

Associação Infantil da freguesia, e 1000\$00 à Cruz Branca, como auxílio para aquisi-

cção dum maca rodada.

Secção Telegráfica

Federações

MOBILIARIA

Sindicato de Faro. — Recebemos ofício

e dinheiro. Segue ofício e recibo.

Cesteiros de Gonçalo. — No vosso

próprio interesse é urgente responder ao

nosso último ofício.

Congresso socialista

Inaugura-se hoje, às 21 horas, o Congres-

so socialista.

A presidência de hoje pertence à Fed-

ração Municipal de Lisboa que delegou no

antigo deputado José de Almeida.

Na ordem dos trabalhos além da eleição

de várias comissões, serão discutidos e vota-

dos os relatórios da Junta Directiva e Se-

cretariado.

Esse facto encheu de regozijo os mem-

bros deste sindicato que se encontram mu-

to reconhecidos com a medida tomada.

A entrada é reservada.

AS GREVES

A obra de dois miseráveis em Ma-

<p